

FCDF levanta o moral do Centro-Oeste

“Que cara tem o Centro-Oeste? Que cara tem seu povo? Gente que viu de longe a chegada da nave e se retirou da terra para que ele pousasse; gente que até hoje fica olhando-a perplexa querendo entendê-la. Como se organizam essas comunidades? Sobre que solo plantam e como o ocupam? Que língua falam? O que os comove? Quais são os seus sonhos, suas expectativas? Por que e como trabalham? Produzem o quê? O que consomem? Enfim, que viagem estão fazendo?”

Com o propósito de responder estas perguntas, ou pelo menos algumas delas, a Fundação Cultural do Distrito Federal está convocando artistas e pesquisadores que tenham seus trabalhos voltados para esta região brasileira, para participarem do grande Levante Centro-Oeste. O encontro acontecerá de 12 a 22 de fevereiro, quando se pretende debater a realidade cultural, artística e tecnológica específica da região. Da mostra constarão atividades culturais e artísticas (teatro, dança, música, artes plásticas, cinema, vídeo) sendo que, ainda, pretende-se abrir espaços para discussões amplas, fóruns de debates e seminários, na busca de soluções adequadas às necessidades da região em diversas áreas, do pensamento acadêmico a tecnologias alternativas.

Para o diretor-executivo da Fundação Cultural, Reynaldo Jardim, é preciso mudar esta imagem de pequena região Centro-Oeste só existe o pantanal, a rota da cocaína, antas e macacos. O potencial humano nunca é lembrado quando o resto do Brasil fala do Mato Grosso, Goiás e, por que não, Brasília. “O Centro-Oeste é uma região de grande qualidade artística, porém só se tem dela uma imagem selvagem, natural. Agora, a gente quer mostrar o outro lado, a imagem cultural, sociológica, antropológica. Para isto, estamos fazendo um levantamento do potencial e do pessoal que estão escondidos no pantanal”. Reynaldo Jardim diz também que a região gera um tipo de cultura que mostra ser Brasília parte integrante do Centro-Oeste e que estas manifestações artístico-culturais estão sendo massacradas pela indústria cultural.

“A própria região precisa tomar consciência de sua importância dentro do Brasil para não chegarmos ao extremo da região Sul que pensa ser um país a parte” — afirma o diretor da Fundação Cultural. Ele acha que com a realização do Levante Centro-Oeste o Brasil poderá tomar conhecimento que aqui também existe um comportamento culto e não apenas natural. Todas as assessorias da Fundação estão envolvidas na organização desta mostra, que para garantir hospedagem e alimentação a todos aqueles que não morrem em Brasília possam participar, a entidade está buscando patrocínios de grandes empresas que, inclusive, podem contar com os beneficiamentos da Lei Sarney. Quer dizer, uma mão lava a outra. As atividades do Levante Centro-Oeste, deverão ocupar todas as dependências do Teatro Nacional e outras dependências da

Fundação Cultural do DF, bem como de outras instituições em Brasília. O projeto conta com o apoio da Sudeco/Ministério do Interior, e participam ainda, o Programa Nacional do Desenvolvimento Artesanal (Ministério do Trabalho), Pró-Memória, Empresa Brasileira de Notícias, Universidade de Brasília, Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Secretaria do Meio-Ambiente, Instituto de Tecnologias Alternativas-DF, entre outros.

Vertente Temática

Esta realização, em termos conceituais e históricos, fundamenta-se, basicamente, em quatro vertentes da ocupação humana na região. Objetivamente, o Levante Centro-Oeste usará como eixo de abordagem a terra e o ecossistema da região, em sua interação com diferentes momentos desta ocupação criando vernáculos culturais e sócio-econômicos que vêm do passado em direção ao futuro do grande-oeste.

Vertente Indígena — Por ordem de surgimento no processo histórico, o vernáculo indígena do Centro-Oeste vem de um passado remotíssimo, talvez mais antigo do que 40 mil anos, com seu rico uso natural do ecossistema, suas tradições artísticas, sua herança cultural e genética nas atuais populações.

Vertente do Pioneiro — Implantado desde o século XVIII, compreendendo todos os elementos da segunda ocupação da região: brancos e negros, bandeirantes, e garimpeiros abridores de estradas, construtores de cidades, desbravadores de sertão, numa extensa linhagem que se estende desde a mineração do ouro até a construção de Brasília e a abertura de grandes estradas.

Vertente das Migrações — É o “homo faber”, urbano e rural, contemporâneo de diversas fases da ocupação econômica e das grandes migrações que se realizam no Centro-Oeste, o maior centro de caldeamento, dos fazeres e pensares vindos de todas as partes do país, sujeito e objeto de intensas trocas culturais.

Síntese — O amálgama atual, ainda não perfeitamente identificado, em construção acelerada, compreendendo desde artistas e intelectuais até místicos, constituindo a primeira frente de assimilação e síntese cultural do Centro-Oeste, na etapa final do seu processo de ocupação.

“E, enquanto o Nordeste vende facha de seca regada a grandes poetas, alçados, sertões, usinas atômicas; o sul, sua colonização européia, povo branco, muita carne, muito vinho, muita renda; o Leste, belas praias, belas pernas indústrias, altos padrões de consumo sócio-econômico-cultural; o Norte, pulmão mundial, borracha, guaraná, rio-mar, fica aqui o Centro-Oeste, do qual só se conhece uma capital plantada-implantada, pantanal e a rota da cocaína. Que cara tem o Centro-Oeste?”. Acredite se quiser.



Reynaldo Jardim:
“É preciso mudar a imagem da nossa região”.

L · E · V · A · N · T · E
C · E · N · T · R · O
O · E · S · T · E

Sei o meu Natal

Sérgio Muylaert

Sei,
O meu Natal é pobre
Ou tão profuso
Como é da criança o sonho puro.
Sei que é pálida
De cores e avenidas largas
Minha alegria, agora.
Peso o gosto do suor na testa
(carrego o andor de cada dia)
Mais do que isto sei, ainda,
A inconclusa festa dos que
lavram
E juntar meu canto
Ao canto solidário
Que nos reste.